



Gabinete do premiê Benjamin Netanyahu sinaliza aval para retaliar ataque com mais de 200 mísseis. Navios dispararam contra centro e sul da capital libanesa. Chanceler israelense classifica o secretário-geral da ONU como "persona non grata"

De olho no Irã, Israel bombardeia Beirute

Menahem Kahana/AFP



Israelense faz selfie diante de míssil iraniano que caiu no Deserto do Negev, próximo à cidade de Arad: um palestino morreu

Fadel Itani/AFP



Incêndio após bombardeio ao bairro de Dahiyeh, bastião xiita no sul de Beirute

Departamento de História e Arqueologia da Universidade Americana Libanesa, tomava um drinque em sua casa, no bairro de Mousytbah, na região oeste de Beirute. Pouco antes da zero hora de hoje (18h de ontem em Brasília), ele escutou quatro grandes explosões. "Foram três seguidas e, depois, outro estrondo. Os mísseis foram lançados de navios a partir do Mar Mediterrâneo. Três projéteis atingiram o bairro xiita de Dahiyeh e outro caiu em Bachoura, próximo ao centro de Beirute, a cinco minutos

de minha casa", relatou ao **Correio**, por telefone. "Bachoura é uma área densamente povoada, onde o Hezbollah tem se escondido. Um prédio foi destruído."

Medo

Makram admitiu que está com medo. "Não apenas porque Israel quer nos matar, mas porque o Hezbollah se esconde entre nós. Isso é alarmante", desabafou. O jornal israelense *Haaretz* informou que, após os bombardeios, as Forças de

Defesa de Israel (IDF) emitiram um alerta, em árabe, no qual ordenavam a moradores de cinco prédios de Beirute que abandonassem o local.

Segundo Rodrigo Amaral, professor de relações internacionais da PUC-SP, o discurso de Netanyahu e dos militares israelenses em relação a uma retaliação ao ataque iraniano tem sido bastante forte. "No entanto, existe uma perspectiva de moderação que vem dos EUA, o principal aliado de Israel, que não tem interesse em uma escalada de conflito regional", disse ao **Correio**. "Acredito que o ataque israelense deve ocorrer nos próximos dias e em escopo limitado. Não faz sentido chamar uma potência regional do tamanho do Irã para uma guerra. O Irã é uma das maiores forças militares do Oriente Médio."

Ainda de acordo com Amaral, existe o risco de escalada do conflito se a resposta israelense for desproporcional. "Caso o ataque de Israel atinja civis e o Exército iraniano de maneira brusca, podemos esperar uma resposta iraniana e começar a falar no perigo de uma guerra regional", observou. Ele lembrou que, desde 1979, nunca houve um confronto direto entre Israel e Irã.

Professor de relações internacionais da ESPM e especialista em segurança internacional, Gunther Rudzit explicou ao **Correio** que a lógica de Netanyahu mudou. "Ele pretende fazer com que Israel volte a ser a hegemonia na região,

Depoimento



Arquivo pessoal

"Foram muitas explosões no ataque iraniano"

"Os bombardeios do Irã contra Israel começaram às 19h30 (hora local) de terça-feira. Moro em Jerusalém. Recebemos mensagens do Exército israelense, por meio do celular. O aparelho apitava e os textos pediam que entrássemos em um bunker ou um quarto seguro. Foi bem diferente da experiência que tivemos com o primeiro ataque do Irã, em 13 de abril, quando eles mandaram 500 drones e mísseis. Dessa vez, todo mundo agiu muito rápido. Pegamos as crianças e descemos as escadas até o bunker em meu prédio. As paredes são bem fortes para o caso de explosão. Ficamos em cerca de 30 pessoas ali dentro.

Escutamos muitas explosões. Eu fiquei muito preocupado, porque o primeiro ataque iraniano foi frustrado. O sistema de defesa é muito bom. Mas, mesmo assim, quando ocorrem as explosões, as ondas de choque fazem tudo estremecer. Tive que brincar com meus filhos e dizer que tudo aquilo passaria. Ficamos 10 minutos aqui dentro do bunker. O maior dos dramas é deixar as crianças calmas. É difícil para elas, porque não têm a mesma compreensão que a nossa. Os idosos, também, precisam de suporte físico."

Jacob Kutschenko, 37 anos, empresário paulistano, morador de Jerusalém

abandonando a ideia de 'convivência' de guerra indireta com o Irã", disse. O analista aposta que Israel focará os ataques em alvos militares. "Provavelmente, será um bombardeio com mísseis contra instalações de comando e controle, quanto de lançamento de mísseis, ou contra fábricas que as produzem."

Rudzit duvida que Israel alveje o programa nuclear iraniano. "Isso levaria a uma escalada por parte de Teerã. Também não creio que as refinarias sejam atacadas. Os preços do petróleo disparariam, o que prejudicaria muito os EUA, a China e o resto do mundo."



» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de o gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aprovar uma ofensiva no Irã, em retaliação ao bombardeio com 200 mísseis balísticos de terça-feira, Israel voltou a disparar projéteis contra um bastião do movimento xiita Hezbollah, no sul de Beirute, e contra uma região central da capital do Líbano. Sete pessoas morreram no ataque ao Centro de Autoridade Sanitária, afiliado ao Hezbollah, em uma operação considerada "precisa" pelas Forças de Defesa de Israel (IDF). Mais cedo, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, avalizou um eventual contra-ataque israelense, mas afirmou não concordar que instalações nucleares sejam incluídas entre os alvos.

"A resposta é não", disse Biden a jornalistas quando questionado se apoiaria um ataque desse tipo. "Os sete (do G7) concordamos que eles têm o direito de responder, mas devem fazê-lo de maneira proporcional." O presidente do Irã, Masud Pezeshkian, ressaltou que "não busca uma guerra", mas ameaçou uma "resposta mais forte" a uma ação israelense. "Se Israel quiser reagir, lançaremos uma resposta mais forte."

O chefe do Estado-Maior iraniano, general Mohamad Baqeri, advertiu que seu país atacará "com maior intensidade" e atingirá "todas as infraestruturas" de Israel se houver retaliação. As IDF confirmaram que o bombardeio de terça-feira causou danos a bases militares. Teerã batizou a operação de "Promessa Honesta 2" e anunciou ter usado mísseis hipersônicos pela primeira vez.

Antes de uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, Israel Katz, chanceler de Israel, declarou o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, "persona non grata" e o proibiu de visitar o país. "Qualquer pessoa que seja incapaz de condenar de forma inequívoca o ataque de ódio do Irã a Israel não merece pisar em solo israelense. Este secretário-geral é contra Israel e apoia terroristas, esturpadores e assassinos", disse. No início da madrugada de hoje, as IDF interceptaram "um alvo aéreo suspeito" sobre a costa de Tel Aviv.

Depois de um longo e estressante dia, Makram Rabah, professor do

G7 prepara pacote de sanções

No rastro dos ataques do Irã a Israel e dos bombardeios israelenses no Líbano e na Síria, há impactos pelo mundo. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, telefonou ontem para os líderes do G7 (grupo dos países mais ricos do mundo formado por Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão e Reino Unido, além dos Estados Unidos) para que definam sanções contra o Irã. Não foram detalhadas quais seriam elas.

Biden disse que ele e os demais líderes do G7 condenam "inequívocamente" o ataque com mísseis do Irã a Israel. Segundo ele, o ataque iraniano foi "inaceitável". Porém, fez uma ressalva: "Os sete (do G7) concordamos que eles têm o direito de responder, mas devem fazê-lo de maneira proporcional". As informações são da imprensa norte-americana reproduzidas pelos principais jornais israelenses.

A 32 dias das eleições nos Estados Unidos, a candidata democrata, Kamala Harris, alinha-se à posição de Biden

e não deu sinais de que vá mudar de estratégia, especialmente no apoio a Israel. Ela defende "o direito de Israel a se defender" e rejeita suspender a ajuda militar americana, mas promete não "ficar em silêncio" diante do sofrimento dos palestinos.

Ao contrário do candidato republicano, Donald Trump, que instou o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu a "terminar o trabalho". Para ele, é necessário um cessar-fogo na Faixa de Gaza e no Líbano, priorizando a via diplomática. Quanto ao Irã, ele e Kamala adotam uma linha dura. Trump acusa a administração Biden de ter deixado que Teerã, inimigo declarado dos Estados Unidos, se "enriquecesse", apesar das sanções.

Europa

Na Dinamarca e na Suécia, as embaixadas de Israel foram alvos de explosões. Na Europa, a recomendação é para suspender as viagens

programadas para a região em conflito.

Paralelamente, a polícia da Dinamarca investiga duas "explosões" ocorridas perto da embaixada israelense em Copenhague e efetuou três prisões. Não houve feridos. As explosões, cujo alcance e a magnitude não foram detalhados, ocorreram nas "imediações" da representação diplomática israelense, disse um porta-voz da polícia, Jakob Hansen. "É muito cedo para dizer se existe uma ligação" entre as explosões e a embaixada, acrescentou ele.

Na Suécia, foi registrada situação semelhante. A Embaixada de Israel em Estocolmo foi alvo de vários tiros anteoitem, que não deixaram feridos. As autoridades suecas investiga o caso, de acordo com Rebecca Landberg, porta-voz da polícia de Estocolmo. A representação diplomática foi cenário de vários incidentes desde o início da guerra na Faixa de Gaza entre Israel e o movimento radical islâmico palestino Hamas, em outubro de 2023.

Mandel Ngan/AFP



O presidente Joe Biden conversou com os líderes do G7 e defendeu punição a Teerã

A Agência Europeia para a Segurança da Aviação (Aesa) recomendou que as companhias aéreas evitem sobrevoar o Irã devido aos "riscos elevados" causados pelo disparo de mísseis iranianos contra Israel e pela resposta prometida por este país, anunciou.

O governo da Alemanha apelou aos

seus cidadãos para abandonarem o Irã, depois de Israel prometer reagir na mesma proporção. "Pedimos aos cidadãos alemães que deixem o Irã", informou a Chancelaria, que recomendou o cancelamento de viagens para o país.

LEIA MAIS NA PÁGINA 16